

A pedagogia especializada na (re) habilitação de crianças usuárias de implante coclear

*Ms. Maria José Monteiro Benjamin Buffa**

*Kátia Fugiwara de Oliveira***

O implante coclear (IC) é o recurso mais indicado atualmente para a (re) habilitação das deficiências auditivas neurossensoriais bilaterais severas e profundas. Por ser altamente benéfico e eficaz, trouxe uma nova perspectiva aos reabilitadores em relação ao desempenho da capacidade auditiva de crianças com deficiência auditiva.

A criança usuária de IC tem a possibilidade de ouvir e se desenvolver como ouvinte, mas somente o dispositivo não garante o desenvolvimento da audição. Esses procedimentos marcam significativamente o início da idade auditiva e o início do processo de (re) habilitação, que deve ser efetivo, contínuo e eficaz.

A abordagem aurioral é a mais indicada para (re) habilitar crianças usuárias de implante coclear, por ter como foco central o desenvolvimento da audição para aquisição e apropriação da linguagem oral competente. Essa abordagem embasa o trabalho desenvolvido no Centro Educacional do Deficiente Auditivo (CEDAU), que tem como proposta (re) habilitar crianças com deficiência auditiva com o objetivo de integrar a audição à sua vida, favorecendo sua competência comunicativa.

São considerados elegíveis para o programa crianças regularmente matriculadas no HRAC-USP, com deficiência auditiva, adaptadas com aparelho de amplificação sonora individual (AASI) e/ou IC, na faixa etária de zero a doze anos, de Bauru e região, e que freqüentam escolas do ensino regular em classe comum.

* *Pedagoga. Mestre e Doutoranda em Distúrbios da Comunicação. Coordenadora do CEDAU/HRAC-USP. Zezé@centrinho.usp.br*

** *Pedagoga do CEDAU/HRAC-USP. Especialista na área de Deficiência Auditiva. katiadocedau@yahoo.com.br*

Para ingressar no programa, a criança passa por criteriosa avaliação interdisciplinar capaz de identificar: habilidade auditiva, habilidade de comunicação e linguagem oral, habilidade de leitura e escrita e nível de interesse da família.

O trabalho envolve as áreas de Fonoaudiologia, Psicologia, Serviço Social e Pedagogia, sendo esta última responsável pelos atendimentos em grupo, os quais ocorrem diariamente por um período de três horas. Os atendimentos individuais de Fonoaudiologia e Psicologia acontecem duas vezes por semana em sessões de cinquenta minutos. O Serviço Social e a Psicologia atuam diretamente com as famílias por meio de atendimento em grupo às mães.

Para melhor compreensão do trabalho pedagógico desenvolvido no CEDAU, este texto foi organizado e dividido em seções.

Aspectos observados pelo pedagogo na avaliação da criança com deficiência auditiva

Na avaliação para a escolha do grupo mais adequado ao trabalho com as necessidades individuais da criança, são observados alguns aspectos:

- atenção para o rosto do interlocutor;
- atenção auditiva para sons ambientais;
- detecção de sons ambientais e/ou de fala;
- discriminação de padrões entonacionais da fala;
- imitação (jogos vocálicos);
- reconhecimento do próprio nome;
- algum tipo de comunicação;
- intenção comunicativa (jargões, gestos indicativos, etc.);
- consciência da troca de turnos;
- reconhecimento de palavras da rotina diária;
- compreensão de ordens simples;
- inventário do vocabulário e da comunicação oral da criança;
- iniciativa para diálogo;
- manutenção de conversação;

- inteligibilidade da fala (a criança é capaz de fazer-se compreender);
- noções de esquema-corporal, cores, quantidade, numerais e outras categorias semânticas;
- manuseio de materiais de leitura (interesse, forma de exploração);
- identificação de letras;
- correção letra-som;
- etapa de desenvolvimento da escrita.

Critérios para a formação dos grupos

De forma a garantir que as atividades em grupo favoreçam as necessidades de cada criança, sem prejudicar os outros integrantes, são considerados os seguintes aspectos para a formação dos grupos de atendimento pedagógico:

- faixa etária, considerando aspectos emocionais e cognitivos;
- idade auditiva (tempo de uso efetivo dos dispositivos auxiliares à audição, a saber, AASI e/ou IC);
- nível de desenvolvimento da audição (habilidades auditivas), da comunicação e da linguagem oral;
- habilidades de leitura e escrita;
- número de crianças por grupo e disponibilidade de vagas no programa.

Habilidades do terapeuta para o atendimento pedagógico em grupo

O pedagogo que atua na (re) habilitação aurioral (BEVILACQUA; FORMIGONI, 1997; BEVILACQUA; MORET, 2005) de crianças com deficiência auditiva necessita ter compreensão global da criança e não só da audição. Além de competência técnica, habilidade e conhecimento, deve ter sensibilidade, bom senso, flexibilidade e principalmente condutas adequadas que auxiliem a criança a descobrir o mundo sonoro de maneira prazerosa, transformando e facilitando esse processo (BERRO et al., 2008).

Planejamento terapêutico-pedagógico

A partir da avaliação realizada e dos critérios de formação dos grupos, o pedagogo especializado terá condições de traçar o plano terapêutico, adotar estratégias e condutas adequadas para o desenvolvimento das habilidades auditivas em contextos lingüísticos significativos e apropriados a cada criança. Esse planejamento pode ser a curto, médio e a longo prazo. Deve proporcionar atitudes que levem às habilidades de audição e linguagem, bem como às de leitura e escrita, respeitando o nível de desenvolvimento, a capacidade e o ritmo de cada criança, além de estar sempre compatível com sua capacidade auditiva.

A expectativa deve ser alta e equilibrada, não devendo subestimar nem mesmo superestimar a criança.

Condutas para o atendimento pedagógico grupal

O atendimento em grupo é muito rico, considerando-se que a convivência entre as crianças possibilita o aprendizado de limites, regras, saber esperar, competir, dividir, ganhar, perder, ouvir, disputar, imitar e aprender com o outro.

No grupo, as estratégias de comunicação e função auditiva devem ser interessantes e os materiais, diversificados e adequados. E mesmo que sejam aplicadas de forma coletiva, as habilidades auditivas devem ser em geral cobradas individualmente no grupo, de acordo com o nível de cada criança. Cabe ao terapeuta conhecer essas diferenças, ser criativo e usar essas diferenças a favor dos participantes (um aprendendo com o outro).

Algumas condutas recomendadas:

- manter a criança sempre com AASI e ou IC;
- inicialmente entrar no mundo da criança, imitando as suas “travessuras”;
- apresentar materiais interessantes e coloridos (atenção para o rosto do interlocutor), promovendo, assim, alguma comunicação;
- propor atividades com estratégias criativas, prazerosas e que prendam a atenção da criança (suspense);

- falar com intensidade e articulação normal;
- usar voz interessante (traços supra-segmentares);
- imitar os sons produzidos espontaneamente pelas crianças, despertando a intenção comunicativa;
- despertar a atenção das crianças para os sons ambientais e de fala (sons esperados e sons inesperados);
- falar próximo à criança e falar do que está fazendo;
- dar um tempo de espera;
- usar primeiro a voz para chamar a criança, depois gestos ou toques apropriados;
- manter o rosto no mesmo nível que o da criança e usar expressões faciais ricas, coerentes com as ações;
- estimular e incentivar a linguagem oral, proporcionando situações em que a criança “fale” sobre suas experiências;
- buscar “pistas” (jargões e/ou palavras isoladas, gestos indicativos ou no contexto) para demonstrar à criança que a comunicação é possível;
- promover trocas de turnos;
- destacar os aspectos não verbais da comunicação;
- comunicar-se de maneira positiva, reconhecendo as tentativas da criança;
- respeitar o nível de desenvolvimento de audição e linguagem da criança, aumentando gradativamente as dificuldades (a partir daquilo que a criança tem condições de conseguir);
- levar a criança a confiar na sua capacidade e no prazer de ouvir.

Etapas do trabalho terapêutico-pedagógico em grupo

O trabalho terapêutico-pedagógico divide-se em duas etapas:

Etapa I (0 a 5 anos)

Envolve atividades que priorizam o uso da audição residual e a linguagem oral, através do desenvolvimento das habilidades auditivas.

Atenção auditiva e memória auditiva são processos psíquicos que permeiam o desenvolvimento das habilidades auditivas.

Detecção auditiva: habilidade de perceber a presença e a ausência dos sons. Pode ser desenvolvida por meio de:

- aproveitamento de todas as situações (brincadeiras, atividades de vivência, atividades dirigidas, sons ambientais, sons de fala) para ajudar a criança deficiente auditiva a interpretar os sons ou estímulos recebidos, dando-lhes significado e associando-os à fonte geradora;
- atenção para a presença do som (levar o dedo até o ouvido) e na ausência do som fazer sinal de silêncio dizendo que acabou;
- desenvolvimento da atenção espontânea (sons inesperados e sons esperados) e atenção direcionada (condicionamento) do som;
- observação dos movimentos dos brinquedos e dos movimentos corporais associados a sons;
- destaque para a importância do saber ouvir e esperar.

Discriminação auditiva: habilidade de discriminar se os sons são iguais ou diferentes. Recomenda-se o trabalho focado em:

- diferenças dos sons (sons fortes ou sons fracos, sons contínuos ou intermitentes, jogos vocálicos e silábicos);
- diferenças nas vogais, traços distintivos das consoantes, palavras, frases e curvas melódicas;
- sons do Ling (LING, 1976);
- imitação.

Reconhecimento auditivo: habilidade de identificar, classificar, nomear e dar significado aos sons, dizendo qual foi sua fonte geradora. Os procedimentos deverão centrar-se:

- no reconhecimento de estímulos em conjunto fechado, ou seja, com opções de respostas definidas. Ex.: reconhecimento dos nomes dos amigos, das partes do corpo, etc.);
- no reconhecimento de estímulos em conjunto aberto, ou seja, as opções de resposta não estão definidas. Ex.: “O que você mais gosta?”

Compreensão auditiva: habilidade de manter diálogo, recontar histórias. As atividades devem estar voltadas para:

- a compreensão de ordens simples e/ou avançadas;
- a manutenção de diálogo (compreender e ser compreendido);
- o uso da comunicação oral para contar ou recontar fatos ou histórias.

Etapa II (a partir de 6 anos)

Considerando que a apropriação da linguagem escrita favorece o desenvolvimento da linguagem oral, além da continuidade do processo terapêutico com as habilidades auditivas e linguagem oral a atenção volta-se para as habilidades de leitura e escrita.

O objetivo da Oficina de Leitura e Escrita não é o de alfabetizar, e sim favorecer o processo de desenvolvimento de cada criança, prevenindo possíveis dificuldades na aquisição e no desenvolvimento da linguagem escrita. Sendo assim, o pedagogo deve promover o contato da criança com diferentes situações de leitura e escrita, levando-a a uma atitude positiva diante dessa nova fase de descobertas e ao despertar para a aquisição de novos conhecimentos.

Dessa forma, são enfatizados os seguintes aspectos:

Leitura

No que diz respeito à leitura, a criança com deficiência auditiva precisa conhecer os diversos tipos e gêneros textuais, tais como: narração, dissertação, descrição, diálogo, carta, convite, anúncios, textos jornalísticos, gibis, parlendas, músicas, anedotas, fábulas e diferentes temas, importantes para o aumento do vocabulário; além disso, é recomendável apresentar textos, interessantes, significativos, coerentes e com certo grau de estrutura e complexidade, adequado ao nível de compreensão da criança.

Os textos, ainda, devem ser apresentados em torno de eixos temáticos ou como tarefa prática com funções definidas, tais como: recreação, informação, estudo, entre outros. O conhecimento de aspectos ortográficos, sintáticos e semânticos deve ser considerado.

Assim, o pedagogo deve dar à criança oportunidade de escolher sua leitura, resgatar suas experiências prévias, buscar constantemente a compreensão daquilo que se propõe ler.

É importante criar um clima de envolvimento e magia, favorecendo uma relação prazerosa com a leitura; abrir espaços para comentários e discussões; proporcionar às crianças oportunidades de relerem textos que mais agradam; estimulá-las a trazerem novas histórias; propor atividades de recriação das histórias e promover a participação de todos.

Escrita

O pedagogo deve propiciar diferentes momentos de escrita, tais como: diário, relatos de experiência, reprodução de textos, bilhetes, cartões, receitas e produção de textos coletivos. A correção coletiva é um rico recurso para a promoção da aprendizagem.

O uso de recursos didáticos e pedagógicos, tais quais: alfabeto móvel, bingo, loto, jogo de memória, dominó, quebra-cabeça, forca, cruzadinha e outros, deve ser constante e as hipóteses que a criança pode criar durante a escrita devem ser consideradas em respeito aos diferentes níveis de conceptualização.

Nesse sentido, o atendimento pedagógico grupal é extremamente importante por favorecer o acesso a diversos materiais, os quais promovem a oportunidade de expressão por meio da fala, do desenho, da leitura ou da escrita. Além disso, proporciona o apoio do terapeuta e dos colegas, resultando em segurança e auto-estima. O aprendizado, dessa forma, ocorre enquanto a criança está brincando, competindo, conquistando, processo esse que promove o aprender com o outro.

Condições para o sucesso do processo de (re) habilitação

São consideradas importantes condições para o sucesso do processo terapêutico:

- idade de diagnóstico e adaptação efetiva com os dispositivos auxiliares à audição (AASI/IC);
- acompanhamento e ajustes sistemáticos dos dispositivos auxiliares à audição (AASI/IC);

- características individuais da criança;
- atitudes e habilidades dos pais;
- trabalho efetivo de (re) habilitação.

Com as possibilidades oferecidas atualmente pelos recursos auxiliares à audição, entre eles o IC, aumentam cada vez mais as oportunidades de desenvolvimento e a responsabilidade e necessidade de aprimoramento do pedagogo que atua com as crianças usuárias de implante coclear.

Referências bibliográficas

BEVILACQUA, M.C.; FORMIGONI, G.M.P. *Audiologia educacional: uma opção terapêutica para a criança deficiente auditiva*. Carapicuíba, São Paulo: Pró-Fono, 1997.

_____; MORET, A.L.M. *Deficiência auditiva: conversando com familiares e profissionais da saúde*. São José dos Campos: Pulso, 2005.

BERRO, A.G.; BRAZOROTTO, J.S.; BUFFA, M.J.M.B.; GODOY, L.A.F; OLIVEIRA, K.F. *Manual de orientação a professores que atuam com crianças com deficiência auditiva: abordagem aurioral*. São Paulo: Editora Santos, 79p. 2008.

LING, D. *Speech and the hearing-impaired child: theory and practice*. s/n., s/l. 1976.

